

Entre nativos e exóticos: a mestiçagem na construção de uma nova identidade na caprinovinocultura dos sertões

Oswaldo Gonçalves Junior¹

Resumo

Na caprinovinocultura do Semiárido, dinâmicas entre criadores de caprinos e ovinos, nativos e exóticos, trazem consigo uma série de significados. Para além de disputas comerciais propriamente ditas, embates se travam no plano das ideias, revelando diferentes valores e interesses em torno da origem racial desses animais. Entre esses dois segmentos situam-se a maior parte dos sertanejos e a tradicional caprinovinocultura do Semiárido, baseada na utilização de animais sem raça definida (SRD), surgidos da dinâmica de cruzamentos espontâneos, próprios de criações extensivas caracterizadas pelo menor controle sobre os rebanhos, estado que revela um acentuado contraste em relação aos dois primeiros segmentos. Tendo em vista que uma influência deles sobre as criações sertanejas pode acarretar uma melhora da produção dos agricultores familiares, diferentes atores sociais ligados ao setor da pesquisa e da extensão rural têm voltado seus esforços para a construção de possíveis arranjos que se mostrem favoráveis à reversão de problemas históricos daquela região, com destaque para a utilização da mestiçagem animal como estratégia para mudanças. Este artigo foca a atuação desses atores, as formas de interação entre eles, o papel que cumprem as ideias, valores e mentalidades em face das possibilidades para a caprinovinocultura daquela região.

Palavras-chave: caprinovinocultura; Semiárido; agricultura familiar.

¹ Doutor em Administração Pública e Governo (EAESP-FGV), Professor Assistente Doutor junto ao Departamento de Administração Pública (FCLAR/UNESP). E-mail: oswaldo@fclar.unesp.br.

Abstract

In the Northeastern Semiarid of Brazil, dynamic among creators of goats and sheep native and exotic bring a range of meanings. In addition to actual trade disputes, conflicts are waged in the realm of ideas, revealing different values and interests around the racial origin of these animals. Between these two segments lies most of the small farmers and the traditional Semiarid sheep and goat raising, based on the use of animals breed, arising from the dynamics of spontaneous crossings, own extensive creations characterized by reduced control over the herds, state which shows a marked contrast to the first two segments. Given that their influence on a traditional creations can result in improved production of small farmers, linked to different social sector research and extension have turned their efforts to construct possible arrangements that are satisfactory to the reversal of historical problems of the region, especially the use of animal miscegenation as a strategy for change. It focuses on the work of these actors, the forms of interaction between them, fulfill the role that ideas, values and attitudes in the face of the possibilities for sheep and goat raising that region.

Keywords: *Sheep and goat raising; Semiarid; small farmers.*

Introdução

Os embates, tensões e acomodações entre o “de dentro” e o “de fora”, o nativo e o exótico, são partes integrantes do processo de constituição da nação, acompanhando desde as origens a formação do Brasil. A condição de território colonizado impôs desde cedo essa dicotomia, acompanhada de outra: o duplo sentido do fluxo “para fora” e “para dentro”. Assim, o nativo e o exótico, como também os movimentos de exportação e importação, formam quatro vertentes que marcam nossa história, a começar pela razão maior do empreendimento colonizador: o comércio ultramarino e o vai e vem de mercadorias, aquilo que Caio Prado Junior identifica como “o verdadeiro sentido da colonização tropical” (PRADO JUNIOR, 1994, p. 31), cuja espinha dorsal é uma vasta empresa comercial, com todas suas implicações para a sociedade em formação.

Focando aquele que será durante muito tempo o mais importante dos pilares entre as atividades econômicas ao longo de séculos, o setor agrícola, este será fortemente influenciado por culturas exóticas

voltadas à exportação e que implicarão uma série de significados e desdobramentos para os rumos da nação. Como não poderia deixar de ser, eles se fazem presentes de diferentes maneiras, seja em seus reflexos sociais, seja na “economia de fato”.

A dependência política da metrópole durante os três primeiros séculos fez do país um fornecedor de insumos agrícolas e minerais para o grande comércio internacional, e receptor de tudo aquilo que por aqui era proibido de se produzir – e que fugisse de sua condição de fonte de matérias-primas. Para os demais produtos, o caminho permitido era a importação, sobretudo de bens de consumo manufaturados ou industrializados. Nesse contexto, culturas exóticas como a da cana-de-açúcar passaram a ocupar um espaço central na vida da colônia, ao redor da qual se moldou toda uma sociedade tão bem retratada por autores como Gilberto Freyre.

Será somente na virada do século XIX para o XX, a partir dos desdobramentos proporcionados pela lavoura do café, uma cultura igualmente exótica e voltada à exportação, que se romperá efetivamente a exclusividade do modelo agrário-exportador, iniciando-se um indubitável processo de industrialização e de produção em massa de bens de consumo destinados ao mercado interno. O aprofundamento desse processo se mostrará irreversível, culminando nas décadas seguintes com a formação de uma indústria nacional de base.

Os matizes na representação do interesse nacional num contexto internacional de crescente abertura econômica, não obstante, manterá presente um vasto campo para disputas entre o “de dentro” e o “de fora”. Não por acaso, o Estado brasileiro se valerá de medidas protecionistas que visarão preservar determinados setores em face da concorrência internacional.

Em outros casos, no entanto, seja pela peculiaridade de um determinado setor, seja pela menor atenção dispensada pela intervenção de Estado, outros atores assumirão maior protagonismo em processos de disputas caracterizados por uma série de enredamentos sociais. Estudá-los permite descortinar relações e aspectos outros, tais como a influência da cultura e de valores sociais nos fenômenos econômicos, muitas vezes também não contemplados em explicações centradas nos mercados concorrenciais.

Tendo como pano de fundo este quadro geral, o foco de atenção deste artigo recai sobre o setor da agropecuária que se desenvolve desde o século XVI no Nordeste, mais especificamente sobre o segmento da caprinovinocultura, cujas dinâmicas entre criadores de caprinos e ovinos, nativos e exóticos, trazem consigo uma série de significados. Entre eles, para além das disputas comerciais propriamente ditas, uma análise mais minuciosa mostra embates que se travam no plano das ideias, revelando diferentes valores e interesses em torno da origem racial desses animais. De um lado, um segmento de criadores procura valorizar um patrimônio genético construído em solo nacional ao longo de cinco séculos e representado pelas chamadas *raças nativas*. De outro, um segmento estruturado em torno de matrizes importadas movimentou um mercado genético de animais exóticos caros e na maior parte das vezes acessíveis apenas a uma elite de criadores.

Mas fato é que caprinos e ovinos se disseminaram amplamente pelo território nordestino desde sua introdução pelos colonizadores portugueses a partir do século XVI (ANDRADE, 1998). Daí que, entre esses “dois mundos”, situam-se a maior parte dos sertanejos e a tradicional caprinovinocultura que se desenrola no Semiárido por meio da utilização de animais sem raça definida (SRD), surgidos da dinâmica de cruzamentos espontâneos, próprios de criações extensivas caracterizadas pelo menor controle sobre os rebanhos. Assim, esse terceiro grupo contribuiu em peso para que o Nordeste seja a região que concentra mais de 90% dos caprinos e quase 60% dos ovinos do país, o que corresponde, respectivamente, a mais de 9 milhões e mais de 8 milhões de cabeças, segundo dados estruturais do Censo Agropecuário 2006 (IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Ainda que esses números possam impressionar, uma constatação tem ocupado a atenção de especialistas do setor: a baixa produtividade da caprinovinocultura nacional. Um dos fatores mencionados para o problema refere-se a um diagnóstico que aponta a piora genética sofrida pelos animais sem raça definida que, como dito, representam o grosso do rebanho nacional. A razão desse estado se encontra nos cruzamentos aleatórios entre animais ao longo de sucessivas gerações, aspecto que se liga à forma tradicional de manejo sertanejo, extensivo e de baixa tecnificação nas criações.

E esse estado revela um acentuado contraste em relação ao perfil que caracteriza os dois primeiros segmentos, sendo os animais nativos e exóticos fontes potenciais para inspirar novos parâmetros de manejo e para que rebanhos sem raça definida possam alcançar novos padrões por meio de cruzamentos que ocasionem um aprimoramento racial. Com a incorporação de novas técnicas de manejo e com um processo de mestiçagem controlada, portanto, essas criações podem se tornar mais produtivas. Dessa forma, em última instância, uma influência destes dois segmentos sobre as criações sertanejas pode acarretar uma melhoria da produção dos agricultores familiares, aspecto desafiador em se tratando de um desenvolvimento mais equilibrado para o Semiárido.

Mas cumprir com essa possibilidade requer um equacionamento que envolve relações entre grupos distintos e uma série de interesses e dilemas que se estendem para além daquilo que poderia ser entendido apenas como uma “questão de mercado”. O contexto em que se dão esses processos é marcado pelas limitações climáticas, o que impõe grandes desafios para a expressiva parcela de pequenos proprietários rurais dependentes da agropecuária. Diante desse quadro, diferentes atores sociais ligados ao setor da pesquisa e da extensão rural têm voltado seus esforços para a construção de possíveis arranjos que se mostrem favoráveis à reversão de problemas históricos daquela região.

Para melhor compreensão deste quadro, o presente artigo propõe um olhar sobre a atuação desses diferentes atores, as formas de interação entre eles, o papel que cumprem as ideias, valores e mentalidades em face das possibilidades para a caprinovinocultura daquela região. Entende-se que esses são passos fundamentais para um aprimoramento do desenho de políticas públicas para o setor: apropriar-se dos principais elementos em jogo da problemática em foco, que condensa uma série de aspectos relevantes que nos acompanham enquanto nação desde tempos remotos, com destaque para as tensões entre o nativo e o exótico. É sobre isso que pretende tratar este artigo.

Dinâmicas territoriais e o meio analisado

Ao longo do século XX, profundas transformações marcarão a sociedade brasileira, na medida em que o país vai deixando de ter a base de sua economia quase que exclusivamente agrária. Um traço marcante será o acentuado processo de urbanização desencadeado no período, com uma inversão da porcentagem de população que ocupa aquilo que, *grosso modo*, se classifica como o rural e o urbano. Enquanto em 1940 a população rural do país correspondia a cerca de 70% e a urbana 30%, no ano 2000 isto se inverte, sendo que aproximadamente 19% passam a corresponder à população rural frente aos mais de 81% de população urbana².

Essas características, com destaque em paralelo para o avanço da industrialização, não devem gerar, no entanto, qualquer mal-entendido, já que as atividades agrícolas nunca deixaram de ter relevância para a economia do país. Prova disso é seu retorno à cena principal nessas últimas décadas, sendo exemplos a crescente importância do Brasil no cenário mundial como fornecedor de produtos *in natura* e *commodities* como a soja e o etanol, ou ainda como um dos maiores fornecedores de carne bovina no mercado internacional. Paralelamente a esse perfil agroexportador, também o segmento da agricultura familiar, fornecedor de boa parte daquilo que se consome internamente, vem se consolidando nos últimos anos, tanto por sua legitimidade social quanto pela relevância econômica³.

² IBGE, Censo demográfico 1940-2000. Dados extraídos de: Estatísticas do século XX. Rio de Janeiro: IBGE, 2007.

³ De acordo com o Censo Agropecuário de 2006 (IBGE), a agricultura familiar é a principal responsável pelo fornecimento dos alimentos básicos à população brasileira, tendo destaque com a produção de 70% do feijão, 58% do leite, 87% da mandioca, 50% das aves e 59% dos suínos consumidos, entre outros produtos. Ocupando 12,3 milhões de pessoas ou 75% da mão de obra do campo, em termos de valores brutos de produção, em 2006, a agricultura familiar respondeu por R\$ 54 bilhões contra R\$ 89 bilhões da agricultura não familiar. Isso significa que houve um aumento da participação relativa da agricultura familiar no valor bruto da produção, saltando de 38% em 1996 para 40% em 2006. Um dado adicional que chama a atenção é que os estabelecimentos rurais familiares correspondem a 84,4% do total (4.367.902), ainda que ocupem

No Nordeste, as atividades agrícolas vinculadas ao segmento da agricultura familiar têm relevância destacada. Ainda que a estrutura fundiária seja extremamente concentrada, é grande o número de pequenos estabelecimentos ou unidades de produção familiar, como demonstra o Censo Agropecuário de 2006, elaborado pelo IBGE, que aponta que 50% de todos os estabelecimentos rurais familiares e 35% da área territorial ocupada por eles no país concentram-se no Nordeste.

E uma boa parcela dessas pequenas propriedades rurais localiza-se num território em que a prática das atividades ligadas ao campo torna-se um desafio em face das limitações naturais decorrentes das secas periódicas, como é o caso do Semiárido, área oficialmente reconhecida⁴ e composta por 1.133 municípios dos estados do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe, Bahia e norte de Minas Gerais, totalizando uma população de 20.858.264 pessoas⁵, o que faz com que a região seja tida como aquela de clima semiárido mais populosa do mundo, tendo ainda como outra característica a forte presença de sua força de trabalho no segmento da agropecuária (GOMES, 2001).

Historicamente, a ocupação do Semiárido se dá com a introdução do gado que leva ao deslocamento colonizador em direção aos sertões, processo que contribui decisivamente para alterar a fisionomia da paisagem em seus traços essenciais (FREYRE, 2004), num momento em que a atividade principal restringia a colonização à orla dos canaviais, voltada para a produção do açúcar para exportação. Apêndice indispensável da economia açucareira, com o comércio do charque, a atividade da pecuária bovina atingiu seu apogeu nos sertões, proporcionando um patamar econômico ímpar na história da região,

apenas 24,3% em área, já que os 15,6% (807.587) de estabelecimentos não familiares ocupam 75,7% do espaço territorial da agropecuária.

⁴ Para mais informações, ver o trabalho do Ministério da Integração Nacional intitulado *Nova Classificação do Semiárido Brasileiro* (2005).

⁵ Levando-se em conta a delimitação territorial das unidades da federação, salienta-se que a porcentagem de área semiárida varia de estado para estado, sendo aqueles que mais concentram essa característica os estados da Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte, com aproximadamente 76%, 81% e 88% da totalidade de seus territórios respectivamente sob essa condição, tendo mais de 50% de suas populações vivendo nessas áreas.

ainda que num período relativamente curto, que se estendera por algumas décadas do século XVIII (GIRÃO, 1995).

No caso dos caprinos e ovinos, desde sua introdução no território no século XVI, foram animais em geral desprestigiados, juntamente com outros animais pequenos, genericamente chamados “miunças”, expressão não só de seu menor porte, mas também de sua menor importância econômica. No mais das vezes, criar caprinos e ovinos foi uma prática em geral vista como “teimosia de gente pobre” (NOBRE; AMARAL e PINHEIRO, 2007, p.1), uma atividade marginal e sem futuro que não mereceria maior atenção enquanto prática econômica. Nos domínios da grande lavoura canavieira, cabras e ovelhas chegam mesmo a ser consideradas “criaturas inúteis”, como lembra Gilberto Freyre (1973, p.76). Mais que isso, estes animais eram vistos como inimigos da cana e deveriam ser evitados como forma de se prevenir contra danos às lavouras.

Mais recentemente, entretanto, ovinos e sobretudo caprinos, ganharam nova chance de ter seu papel reescrito na história dos sertões. Apoiados na visão de que estes animais são mais adaptados às condições do Semiárido que o gado bovino⁶, uma decisiva atuação de organizações e profissionais voltados à extensão rural, e mais especificamente ao segmento da agropecuária, tem impelido para que a caprinovinocultura assuma um novo patamar. Empresas estatais de pesquisa agropecuária⁷, organizações paraestatais⁸, universidades públicas, além de associações de produtores e governos dos três níveis da federação representados por políticas públicas voltadas para o setor, formam um movimento que vem consolidando conhecimentos sobre a capacidade produtiva de caprinos e ovinos no Semiárido, disseminados por técnicos

⁶ Numa perspectiva comparativa de alguns aspectos, por exemplo, esses animais mostram-se superiores aos bovinos nesse contexto, pois consomem menos água, resistem mais à seca e podem encontrar alimentos com mais facilidade na vegetação das caatingas, além de, no geral, serem animais mais baratos.

⁷ Entre elas, destaque para a atuação da Embrapa Caprinos e Ovinos de Sobral (CE).

⁸ Com destaque para o SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

e especialistas dedicados à extensão rural vinculados a essas diversas organizações.

E esse movimento ascendente se potencializa ainda mais com ações estruturantes como o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), do governo federal, política pública que visa incentivar a produção de alimentos pela agricultura familiar, “permitindo a compra, a formação de estoques e a distribuição de alimentos para pessoas em situação de insegurança alimentar”⁹. Dentro do Programa, a modalidade Incentivo à Produção e ao Consumo do Leite – no uso corrente conhecida como Programa do Leite, ou simplesmente PAA Leite – destina-se a municípios do Nordeste e norte de Minas Gerais, abarcando um território muito próximo àquele equivalente ao do Semiárido, tendo por objetivo específico propiciar o consumo do leite pelas famílias que se encontram em estado de insegurança alimentar e nutricional, bem como incentivar à produção familiar deste alimento. Pelas suas características, na prática, o PAA, portanto, conecta a produção da agricultura familiar, incentivando sua produção e comercialização conjuntamente com o atendimento a populações em situação de risco alimentar.

Esse conjunto de atores e de ações em torno do Programa do Leite coloca no centro do debate o desafio da produtividade nas iniciativas que visam contemplar o segmento dos agricultores familiares. Antes que uniforme, este segmento é um mosaico que congrega a grande base de criadores de animais sem raça definida, tanto aqueles que já aderiram a um novo perfil de criação, quanto aqueles que ainda são considerados potenciais ingressantes na caprinocultura leiteira.

A análise desse quadro multifacetado, no qual atuam diversos atores sociais, possibilita revelar uma série de aspectos fundamentais para uma melhor compreensão dos processos de mudança em curso na caprinovinocultura do Semiárido, uma atividade potencialmente transformadora do quadro social vivido pela região, cujo debate em torno do perfil racial dos animais e das características de manejo é central.

⁹ <http://www.fomezero.gov.br/programas-e-acoas/eixo2.htm>.

Para uma melhor compreensão dessa problemática até aqui apontada, foi realizado um estudo que se enquadra na modalidade de pesquisa qualitativa, utilizando como estratégia estudos de caso¹⁰. Por meio de pesquisas de campo naquela região, fez-se uso de diferentes formas de abordagem para levantamento e coleta de informações, entre elas a realização de 23 entrevistas semiestruturadas e gravadas em áudio com especialistas (9), gestores públicos (5), lideranças de associações de caprinovinocultores (3), criadores e agricultores familiares (6). A seleção dos entrevistados se deu pelo processo conhecido em metodologia de pesquisa como “bola de neve” (*snowball*), a partir da identificação e da realização de entrevistas com atores-chave, processo que levou à subsequente seleção de outros entrevistados. Foram também realizadas 28 entrevistas não estruturadas com pequenos criadores e agricultores familiares, identificados em decorrência do mesmo processo de seleção, mas cuja dinâmica dos contatos estabelecidos não permitiu a realização de entrevistas semiestruturadas. A delimitação do número de entrevistas obedeceu à busca pelo equilíbrio entre dois fatores: o chamado “ponto de saturação”, momento no qual o pesquisador identifica que se obteve um nível satisfatório de informações, evidenciado pela constatação de aspectos como a recorrência das mesmas, em face do surgimento significativo ou não de novas informações, combinado com a disponibilidade de recursos para o período de tempo determinado para execução dos trabalhos de campo. As pesquisas de campo foram realizadas em duas etapas, nos anos de 2008 e 2009. Cada etapa durou um período de 30 dias em campo, sendo a coleta de informações totalmente realizada pelo autor deste artigo, como parte de sua pesquisa de doutoramento. Além da técnica de entrevistas e posterior análise das informações obtidas por esse meio,

¹⁰ Foram realizados três estudos de caso sobre experiências oriundas do Banco de Dados do Programa Gestão Pública e Cidadania do Centro de Estudos em Administração Pública e Governo (CEAPG) da Fundação Getúlio Vargas de São Paulo. As experiências estudadas foram: *Programa Municipal de Apoio à Cadeia Produtiva da Caprinovinocultura – Procap*, da Gerência Executiva da Agricultura e Recursos Hídricos da Prefeitura de Mossoró (RN); *Turismo como Alternativa de Desenvolvimento no Semiárido*, da Prefeitura Municipal de Cabaceiras (PB); e *Projeto Tejubode: Mais que uma Festa, uma Ideia de Desenvolvimento*, da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Rural de Tejuçuoca (CE).

utilizou-se conjuntamente a técnica de observação, com o registro das informações em cadernos de campo e em meio digital, estando nesta última categoria os registros fotográficos. A utilização dessa técnica se justifica por conta do dinamismo dos acontecimentos no cotidiano, marcado por constantes deslocamentos pelo território. Foram assim registrados contatos mais curtos com diferentes atores sociais (sobretudo no caso das visitas a agricultores familiares, tanto em assentamentos rurais quanto em propriedades mais isoladas), observações em geral, além de reflexões em torno da pesquisa surgidas no dia a dia. Nessa última categoria, merece destaque ainda a visita a feiras agropecuárias, com a participação em palestras e seminários, entre outras atividades constituintes desses eventos. Além delas, foram realizadas visitas a mercados e feiras permanentes destinados à comercialização de animais, especialmente caprinos e ovinos; a organizações voltadas para pesquisa e extensão rural (com destaque para Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa Caprinos e Ovinos de Sobral – CE, além de algumas unidades do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas – SEBRAE, presentes nos estados das experiências estudadas); a sedes e reuniões de associações de pequenos caprinovinocultores; entre outras. Outra técnica utilizada se refere à decorrente análise documental, já que nas pesquisas de campo foi possível coletar e reunir uma significativa gama de materiais tais como *folders*, revistas, reportagens publicadas em diferentes meios, apostilas, livros, entre outros materiais promocionais e de divulgação de informações relativas à relação entre caprinovinocultura e agricultura familiar no Semiárido. A somatória das informações obtidas e analisadas constitui-se no principal material que embasa o presente artigo.

Adaptação e tensões entre o nativo e o exótico

Do processo de coleta de informações, via pesquisas de campo, e de sua posterior análise e sistematização, resulta uma primeira constatação: a de que a *adaptação* é um grande tema em se tratando de caprinovinocultura.

Isso porque, rigorosamente, todos os caprinos e ovinos são originalmente exóticos, já que esses animais não existiam por aqui, chegando com os colonizadores europeus a partir do século XVI. Mas as espécies de animais domesticados trazidas para cá foram com o tempo se adaptando às condições locais, sofrendo modificações com o caminhar das sucessivas gerações, num processo de transformação.

De um longo período de adaptação, resultaram animais rústicos e bem aclimatados às difíceis condições do Semiárido. Como já apontado, são, *grosso modo*, animais sem raça definida, sobretudo aqueles que compõem as criações da maior parte dos sertanejos.

Mas a distância genética com as matrizes europeias levou também ao surgimento de novas raças. Ou seja, as espécies são exóticas, mas as raças surgidas delas são nativas. Quando hoje comparados com os correspondentes europeus que lhes deram origem, os animais das chamadas raças nativas de caprinos e ovinos daqui apresentam menor porte, porém uma adaptação incomparável¹¹.

Quando analisada, a história de muitas delas acaba por revelar aspectos interessantes dos processos de sua introdução e de sua evolução no território. Em alguns casos, o nome que a raça recebeu está associado ao local de sua “descoberta” nos sertões, local esse em que houve então sua identificação enquanto animais pertencentes a um novo grupo racial.

De acordo com informações da Embrapa Caprinos de Sobral, organização de referência do setor da caprinovinocultura nacional, no caso da raça caprina Moxotó, por exemplo, o nome provém do vale do Rio Moxotó, em Pernambuco, no entanto a raça disseminou-se sendo hoje criada também nos estados da Bahia, Ceará, Paraíba e Piauí. No caso da raça de ovino Morada Nova, ainda que sua origem não seja bem conhecida, os primeiros animais foram identificados por volta do final da década de 1930, quando então chamou a atenção a presença de animais “deslanizados e de pelagem vermelha” no município de Morada Nova, no

¹¹ Tanto pelas pesquisas de campo realizadas, quanto pelas informações colhidas na literatura, em especial aquela produzida pela Embrapa Caprinos de Sobral e SEBRAE nacional, de modo genérico, pode-se dizer que as raças nativas mais difundidas são: Moxotó, Lambi, Canindé, Repartida, Gurgeia, Marota, Graúna, Serrana Azul (caprinos), Cariri, Morada Nova, Somalis Brasileira e Santa Inês (ovinos).

Ceará. Mais tarde, observou-se a presença de animais dessa raça em outros municípios do estado e também no Piauí, prevalecendo o nome dado à raça, no entanto, do primeiro lugar onde foi originalmente identificada. Esse atrelamento do nome do lugar à raça ocorrera também no caso dos ovinos da raça Cariri, por conta de habitarem a região semiárida dos Cariris paraibanos. Com um processo de formação um pouco mais conhecido, neste caso esta raça teria surgido em função de uma mutação “dominante em indivíduos oriundos de rebanhos das raças Santa Inês e Morada Nova cruzados com animais da raça Barriga Preta (*Black-Belly*)”¹².

Como se pode perceber, a formação de novas raças é um processo dinâmico, sobre o qual imperam vários fatores. Paralelamente a adaptação e formação de novas raças, a falta de manejo para seleção dos melhores indivíduos, os cruzamentos aleatórios entre raças e o manejo inexistente ou rústico produziram o tipo mais comum de animais hoje difundidos no Semiárido. São animais sem raça definida que, em termos de produtividade econômica, foram sofrendo aquilo que especialistas consideram um “pioramento genético”, apesar de sua boa adaptação e grande resistência às condições de seca.

Já os animais exóticos pertencem a raças¹³ em geral difundidas por capris estruturados que se dedicam ao agronegócio e que têm como vitrine leilões e feiras agropecuárias. Em relação aos nativos, os exóticos são animais que têm um porte maior, podendo produzir carne e leite em volume superior. No entanto, “na ponta do lápis”, são muitas vezes menos rentáveis já que exigem um trato (gasto, portanto!) muitas vezes superior ao que um animal nativo ou sem raça definida necessita. Isso porque é inequívoco entre os especialistas da área que os custos de produção elevam-se substancialmente com o sistema de criação em confinamento, sobretudo pela necessidade de suprir os animais com alimentos, ao invés de, por exemplo, deixá-los parte do dia soltos para que eles mesmos possam se alimentar, ao menos parcialmente, da

¹² <http://www.cnpc.embrapa.br/cnpc24.htm>.

¹³ Entre as exóticas, constatou-se nas pesquisas de campo a maior difusão das raças de ovinos Dorper (ovino de origem sul-africana) e caprinos das raças Anglo Nubiana (caprino de origem inglesa), Alpina, Parda Alpina e Saanen (espécies caprinas originárias da Suíça), Bôer (caprino da África do Sul) e Murciana (caprino originário da Espanha), entre outras.

vegetação existente. Assim, por consumirem ração industrializada, exigirem banhos e instalações mais elaboradas para uma criação intensiva, com certa ironia são chamadas por vezes no mundo da caprinovinocultura nordestina de “cabras e ovelhas de hotel”.

Não obstante qualquer sentido pejorativo de que possam ser alvo, seja pela publicidade que as promove, seja pelas qualidades efetivamente inerentes a elas, fato é que as raças exóticas exercem uma forte influência, dominando a cena do *agroshow* da caprinovinocultura nacional.

Já os animais sem raça definida, se não atraem a atenção dos holofotes do mundo das exposições e leilões agropecuários, têm como mérito sua enorme capacidade de disseminação e seu baixo custo, sendo um animal popular e acessível, historicamente usado como um suporte alimentar dos mais importantes, sobretudo para representativa parcela de pobres na população sertaneja.

Quanto às raças nativas, estas apresentam uma peculiaridade nesse quadro, já que muitas delas chegaram próximo da extinção pela ausência de manejo adequado, risco decorrente de processos de cruzamentos aleatórios que as descaracterizaram ou ainda hoje ameaçam fazê-lo.

E isso traz uma questão interessante, pois, ainda que bem adaptadas às condições do Semiárido, as raças nativas exigem formas de manejo que vão além dos patamares tradicionalmente predominantes no sertão, em que impera a frouxidão no trato dos animais sem raça definida, que “se criam por si mesmos”, como costuma-se afirmar na linguagem corrente, em referência ao fato de que os animais praticamente mantêm-se por conta própria, soltos na Caatinga, buscando seu próprio alimento e abrigo na vegetação.

Nas palavras de um especialista, essa situação se exprime da seguinte forma:

“[...] por ser [raça] nativa não significa que devemos criá-las no abandono; quando bem manejadas e selecionadas são os caprinos mais produtivos do mundo devido à sua grande prolificidade (poder de produzir crias em grande quantidade) e rusticidade

(baixa mortalidade de crias principalmente), e por serem menores podemos criar bem mais animais por hectare; portanto quanto mais cabras mais cabritos”¹⁴.

Nesse sentido, a preservação e o desenvolvimento das raças nativas passam por um novo *status* que alça esses animais a um patamar de reconhecimento de sua importância enquanto patrimônio genético nacional a ser valorizado e preservado, impedindo que se percam no esquecimento e no desprestígio na imensidão dos sertões. E isso envolve uma questão de fundo que perpassa a caprinovinocultura dos sertões, onde muitas vezes caprinos e ovinos foram, e ainda são, vistos por muitos de maneira inferiorizada (“miunças”) em comparação ao gado bovino, cuja criação na região liga-se historicamente a *status* social. No caso em questão, fato é que uma relação hierárquica também se mostra presente entre os caprinos e ovinos exóticos em detrimento dos nativos.

Tentativas de reversão desse quadro vêm sendo feitas com iniciativas de valorização dos animais nativos, e mais recentemente vem ganhando maior visibilidade a organização de criadores que se dedicam exclusivamente a eles. Um dos mais importantes agrupamentos é aquele que se dá em torno da Associação de Caprinos e Ovinos Nativos que, em 2008, congregava cerca de 50 produtores dispersos pelo Estado do Rio Grande do Norte.

Mas o trabalho com essas raças é algo em construção, pois carece ainda de melhor estruturação na sistemática de seleção e melhoramento genético, já que a formação e manutenção de raças é um processo dinâmico que exige acompanhamento e seleção através de padrões definidos e tidos como ideais para cada grupo. Em parte, o estágio atual ainda esbarra num entrave que é a ausência de um censeamento desse universo, pois não se tem uma dimensão exata de quantos exemplares e onde se localizam os rebanhos de animais de raças consideradas nativas, conforme explica o depoimento do presidente da Associação de Caprinos e Ovinos Nativos e também criador de destaque neste segmento.

¹⁴ WANDERLEY, Alexandre de M. “Viva as cabras nativas, viva o povo brasileiro...”. Disponível em: <<http://www.acosc.org.br>>. Acesso em: 15 fev. 2011.

E ele procura descrever as dificuldades de se identificar esses rebanhos, afirmando que “reunir esses produtores não é uma tarefa fácil, já que é gente que fica dentro da fazenda”, numa referência crítica indireta ao segmento dos criadores de raças exóticas, que “vivem circulando no mundo dos leilões e exposições”. Segundo ele, vez por outra se descobre um rebanho significativo de determinada raça nativa que sequer se acreditava existir sendo criado por alguém no Rio Grande do Norte ou em outro estado do Nordeste. Ele e outros criadores de raças nativas são verdadeiros entusiastas, defensores da disseminação dos rebanhos nativos e de seu aprimoramento racial. Representam a vertente nacionalista num ambiente da caprinovinocultura envolto num debate que traz consigo aquilo que classificam como um jogo de interesses em torno de um “mercado genético”, que movimenta recursos significativos via comércio de animais exóticos caros voltados para uma elite de criadores. Para eles, este mercado seria apoiado em um forte *marketing* que procura difundir uma imagem dos animais exóticos como “superiores” aos demais e pertencentes a “linhagens nobres” em comparação aos daqui.

De acordo com outro entrevistado, especialista do setor de longa data e pesquisador ligado à Universidade Federal da Paraíba, esse é um mercado que envolve muitos interesses que são disputados de forma vigorosa pelos recursos financeiros que movimenta. Como um fenômeno não apenas brasileiro, o entrevistado exemplifica o que acontece, por exemplo, na África do Sul, país que concentra boa parte dos principais criatórios mais estruturados e que dominam esse mercado mundial, sendo um grande país exportador de matrizes e reprodutores. Lá, segundo ele, um processo de homologação (reconhecimento oficial de raça) se arrasta há bastante tempo no que se refere a cinco raças nativas locais que até hoje não foram oficialmente reconhecidas por ação (“*lobby*”) de criadores de Bôer daquele país, uma das raças exóticas de caprinos mais comercializadas no mercado internacional. Em última instância, o comércio mundial de reprodutores e matrizes exóticas acabaria por remunerar indiretamente os criadores sul-africanos e estadunidenses, que fornecem originalmente esses animais, a partir dos quais os capris reproduzem seus animais para serem comercializados. A razão disso seria que todo o trabalho de seleção de caprinos e ovinos é feito fora do país, causando uma dependência desses mercados com a

permanente necessidade de importação de novas matrizes e reprodutores. “O que se faz no Brasil é *marketing*”, afirma.

Fundamentando seu argumento, o entrevistado desafia que alguém apresente dados técnicos seriados de pelo menos dez anos que mostrem o comportamento do padrão das raças exóticas por aqui. Afirma que o que se faz por aqui é “seleção por meio de cruzamentos de animais, mas não melhoramento genético”. Isso acarreta problemas como perda de eficiência no ciclo de cruzamentos, o que acaba na dependência de permanentes importações. Segundo avalia, a motivação desse ciclo de dependência seria “o imediatismo, a lei do menor esforço e o peso da propaganda das vantagens das raças especializadas”. Para ele, se o país começasse hoje um trabalho de melhoramento genético, os primeiros resultados apareceriam dentro de um prazo de aproximadamente 20 anos. Ele remete o problema a certa “cultura” na área, afirmando enfaticamente: “nunca, durante a minha formação acadêmica, ouvi um professor valorizar nosso patrimônio genético!”.

Ele também se vale de outro exemplo para demonstrar o quanto dependemos de mecanismos comerciais, “culturalmente construídos”, que visam atender

[...] determinados interesses, por falta de capacidade técnica desenvolvida aqui, como é o caso da falta de implementos agrícolas para operar na condição de nossas plantas nativas que podem ser utilizadas como forrageiras [alimento para os animais]. Por exemplo, o caso da maniçoba: há regiões do Semiárido em que existem imensos maniçobais. No entanto, a extração para formação de forragem é feita com facão, já que não há equipamentos nem medidas que contribuam para um manejo mais adequado. Paralelamente, as rações industrializadas acarretam custos significativos na caprinovinocultura. Assim como esta planta, uma enorme variedade de espécies da Caatinga poderiam ser utilizadas para alimentação dos animais. É um potencial desperdiçado, portanto.

Paralelamente a essa problemática, em grande medida, este trecho do depoimento remete novamente também a um diagnóstico das falhas no manejo sertanejo, sendo neste caso a ausência da prática na formação de

estoques de forragens para o longo período de seca. Tradicionalmente, ela não é feita ou o é de forma inadequada pelos pequenos criadores. Essa precaução para com o período de maior escassez de alimentos é ignorada ou iniciada num período impróprio, quando a seca já se estabeleceu, não rendendo conseqüentemente os resultados esperados de suporte necessário às criações, o que acarreta perdas de animais e diminuição na obtenção de produtos como carne e leite.

Percepções como essa embasam e direcionam o trabalho de diversas organizações, especialistas e técnicos de extensão rural, incidindo fortemente para transformação da caprinovinocultura sertaneja, expondo um embate entre tradição e tentativas de sua revisão. Apesar dos muitos entraves para que mudanças ocorram em práticas sedimentadas pela tradição, transposto esse patamar, diversos exemplos de pequenos proprietários rurais demonstram a possibilidade de obtenção de renda significativa, principalmente a partir da produção de leite de cabra. E esses resultados alimentam uma visão processual de que algo maior esteja em construção, sendo as potencialidades locais da caprinovinocultura e, especialmente, da produção do leite de cabra ainda exploradas de forma incipiente e parcial, apesar dos avanços.

Aptidão animal e pragmatismo dos pequenos criadores

Um segundo tema que merece destaque em se tratando de caprinovinocultura do Semiárido é o da *aptidão*. Isso porque, para os pequenos criadores, diferentes arranjos acabam diluindo muitas das fronteiras entre o nativo e o exótico, revelando ações que procuram refinar “o melhor” desses dois polos. Esse é o caso do cotidiano de boa parte dos pequenos produtores de leite de cabra, regido por um pragmatismo que conduz seu senso de produtividade econômica a procurar extrair dos animais nativos e dos exóticos aquilo que apresentam de mais vantajoso por meio de cruzamentos inter-raciais. Estes visam atingir um “ponto ótimo” entre diferentes aspectos, como a produção de uma maior quantidade de leite, a menor suscetibilidade a doenças, um menor custo de produção e as possibilidades de acesso a animais melhores. Por exemplo, uma situação comum é a utilização de

um bode da raça exótica Saanem, reconhecidamente boa produtora de leite, para fertilizar fêmeas de um rebanho sem raça definida. Essa ação tem por objetivo impulsionar um processo de melhoramento na geração vindoura com conseqüente aumento da produtividade leiteira dos animais mestiços gerados.

Um apoio nesse sentido vem de associações de pequenos criadores, já que animais melhores, por serem financeiramente inacessíveis a maior parte deles, são adquiridos por essas organizações que então os emprestam aos filiados por determinado período, fazendo um rodízio de reprodutores a fim de serem usados para acasalamentos, promovendo assim a disseminação dos benefícios do aprimoramento genético às criações dos produtores locais. A prática do rodízio é relativamente comum e nas pesquisas de campo foi observada também entre grupos de três ou quatro criadores que se cotizam para comprar um bode reprodutor e usufruir dos benefícios em suas criações.

A visão baseada na aptidão do animal é partilhada e difundida por especialistas. Segundo depoimento de um deles, em última instância, não haveria “raça certa ou errada: o que há é raça mais adequada. Ou seja, tem que se levar em conta a perspectiva da *função* do animal”. Nesse sentido, deve-se procurar uma resposta para a questão: “o animal mais eficiente para tal objetivo é aquele da raça ‘x’ ou o ‘y’?”. De acordo com ele, exemplificando, não seria por acaso que o maior rebanho comercial da raça nativa Morada Nova, que produz um couro de qualidade superior, está na cidade de Franca, no Estado de São Paulo: “não existe coincidência, já que a cidade é a maior produtora de calçados do país”, explica.

No caso dos caprinos, a dupla aptidão para produção de leite-carne é o ajuste mais comum no setor que se amplia apoiado pelo Programa do Leite (PAA Leite): as fêmeas produzem o leite no período de lactação; dos animais nascidos, as fêmeas em geral são mantidas para se aumentar o rebanho leiteiro. Sob os preceitos de um bom plano de negócios, os machos por sua vez são vendidos ou abatidos (processo de “descarte”) ainda nos primeiros meses de vida visando à produção de carne, já que não se justifica economicamente sua manutenção, dado que, tomando-se como referência animais de padrão mediano, aquilo que consumirão tornará seus custos relativos sempre superiores ao preço

que poderão um dia alcançar no mercado quando colocados à venda, segundo depoimento de especialista entrevistado.

Outro aspecto que justifica o abate de animais machos ainda jovens se refere à qualidade do produto, já que, sendo o animal abatido até esse estágio de vida, o sabor e a textura mais macia da carne são melhores, conforme afirmam especialistas consultados, pois o animal ainda não teria sofrido os efeitos dos hormônios que alteram seu corpo, refletindo esse aspecto também na diminuição ou ausência do odor muitas vezes identificado nesses produtos. Daí, o que se deveria manter no plantel seria um ou alguns bons bodes reprodutores, sendo o principal reprodutor trocado de dois em dois anos aproximadamente para que não ocorram problemas de ordem genética no rebanho pelos cruzamentos recorrentes a partir do mesmo animal macho.

No caso dos ovinos da região Nordeste, estes se destinam principalmente a corte, já que são animais que possuem maior quantidade de carne na sua carcaça, sendo sua carne mais tenra e comercialmente mais valorizada em mercados mais estruturados. No contexto do Semiárido, as ovelhas são “deslanizadas”, ou seja, praticamente sem ou com muito pouca lã, adaptadas geneticamente ao clima quente da região.

Tanto no caso de caprinos quanto no de ovinos, no que se refere à produção de pele, ainda que ambos possuam teoricamente essa aptidão, ao mesmo tempo em que diversos dados e informações fornecidos por estudos enfatizam a potencialidade desse mercado, ele sofre com as deficiências relativas ao manejo que levam à má qualidade das peles produzidas. Segundo Nobre, Amaral e Pinheiro (2007, p. 17), remetendo a resultados de pesquisa realizada pelo SEBRAE e pelo SINTEC (Sindicato dos Técnicos Industriais do Rio Grande do Norte) e voltada para a análise do mercado da caprinovinocultura no Rio Grande do Norte, os defeitos mais comuns nas peles estariam relacionados aos danos no animal ainda vivo em decorrência de “agressões por carrapatos, piolhos, sarnas, além de cicatrizes por furos provocados por arame farpado e pela vegetação, e também por procedimentos inadequados nos atos de esfolia e da sua conservação e armazenamento”. Por conta disso, aqueles autores afirmam também que a situação agravou-se com o fechamento dos dois únicos curtumes que operavam

naquele estado, sendo a causa disso a escassez de matéria-prima, já que as peles produzidas atenderiam somente a cerca de 10% das capacidades instaladas. Ainda, tal quadro continuaria sem perspectiva de melhora no panorama em questão, restando nesse segmento as unidades artesanais de curtimento espalhadas pelo interior do estado.

Essa problemática chama a atenção para um aspecto que remete novamente às questões raciais e de manejo. Segundo Nobre, Amaral e Pinheiro (2007), se não forem corrigidas as falhas no que tange a aspectos nutricionais e sanitários, investimentos em melhoramento genético dos rebanhos só acarretarão prejuízo aos produtores, pois muito provavelmente serão em vão. Ou seja, essa preparação de base, independente da discussão sobre aptidão e produção visadas, deve vir em primeiro lugar quando se pensa em aprimoramento na caprinovinocultura. E este não é um desafio pequeno, como se pode observar pelas pesquisas de campo que embasam este artigo, sendo alvo de um trabalho constante e insistente de conscientização e capacitação por parte de organizações e especialistas junto aos agricultores familiares para que haja modificações nos padrões das práticas de manejo, que resultem num melhor aproveitamento do potencial da caprinovinocultura. *Grosso modo*, pode-se dizer que continua imperando, em diversas regiões do Semiárido, uma atividade de subsistência, numa rotina que se perpetua através das gerações, com resultados muito aquém daqueles que as possibilidades técnicas já existentes permitem, conforme observa Molina Filho¹⁵ (1981 *apud* OLIVEIRA *et al.*, 1995).

A insistência por uma transformação que acarrete um novo patamar para a caprinovinocultura por parte desses profissionais e organizações encontra seu sentido quando se analisa o contexto em questão, colocando frente a frente seres humanos e animais. Nesse sentido, torna-se importante distinguir, por exemplo, um “pequeno criador” de um “grande criador”, o que revela aspectos importantes para uma melhor compreensão sobre a caprinovinocultura local. Isso porque os termos “grande” e “pequeno” não têm tanto a ver com o tamanho das

¹⁵ MOLINA FILHO, J. Um modelo estrutural-cultural para os estudos de difusão de inovações na agricultura brasileira. *Revista de Economia Rural*. Brasília, 19, n. especial, p.29-46, 1981.

criações, mas em certa medida ao quanto elas são “tecnificadas” ou não. Um pequeno criador, portanto, seria aquele que o faz de forma menos “tecnificada”, o contrário valendo para o chamado grande criador ou produtor. Essa distinção é importante, pois existem grandes “possuidores” de rebanho que são, na verdade, grandes negociantes. Eles apenas mantêm animais por um espaço de tempo suficiente para engordá-los e obter um valor maior na sua venda do que aquele pago pelos mesmos. São animais destinados ao abate, que são negociados tendo como principal quesito seu peso e suas condições gerais de aparência. Em geral, utilizam-se como critérios aspectos visuais da carcaça, mas que nem sempre são condizentes com o real estado de saúde do animal, sendo relativamente comuns depoimentos sobre a possibilidade de problemas existentes e “camuflados” nos mesmos. O espaço de negociação por excelência dessa vertente são as feiras e mercados, ou por meio de negociações realizadas diretamente com abatedouros – a maior parte dos quais clandestinos, segundo depoimentos de especialistas do setor e estudos consultados –, sendo uma das principais variáveis o ganho em escala, ou seja, a negociação envolvendo lotes de animais sem raça definida.

O foco da atenção dos especialistas e organizações se direciona aos agricultores familiares ou pequenos criadores. Como afirmam Nobre, Amaral e Pinheiro (2007), por conta do movimento iniciado há pouco mais de uma década de promoção da caprinovinocultura no Semiárido, houve uma tendência de proliferação de pequenos rebanhos com o ingresso na atividade de centenas de pequenos produtores rurais, notadamente das áreas de assentamentos da reforma agrária, de forma concomitante também crescentes na região. A análise dessa história recente lança luz a um aspecto importante, defendido por muitos especialistas e organizações do setor, que toma os agricultores familiares como agentes estratégicos no aprimoramento da cadeia produtiva da caprinovinocultura. Muito mais que simplesmente uma “opção pelo social”, e ainda que em boa medida o seja pelo caráter potencialmente inclusivo da atividade, no caso da caprinocultura leiteira, o modelo de produção parece indicar um ajuste importante sob as condições da agricultura familiar.

Essa visão se apoia em análises como aquelas referentes aos custos da produção de leite caprino. Nobre e Andrade (2006) recordam que após um período de grande euforia com o início, em 1998, do Programa Estadual do Leite do Rio Grande do Norte, produtores realizaram grandes investimentos em infraestrutura e na aquisição de muitos animais caros, matrizes puras ou de “alta mestiçagem”, muitas das quais importadas, constituindo assim rebanhos de alto padrão racial. A significativa produção de leite desses animais, submetidos ao regime intensivo de criação, não foi capaz, no entanto, de gerar lucros que garantissem a sustentabilidade das criações em razão dos altos custos de produção, levando mesmo criadores de maior poder aquisitivo a abandonarem seus negócios.

Nesse ponto, a questão do manejo coloca-se novamente no centro do debate racial já que, com os custos elevando-se com a necessidade de alimentos concentrados para os animais num regime de confinamento (sistema intensivo), não por acaso pequenos criadores já mais profissionalizados estariam optando de forma predominante pelo regime semiextensivo, visando assim à redução de custos na produção de leite. Nesse sentido, Nobre e Andrade (2006), analisando o panorama da produção de leite caprino no Rio Grande do Norte, afirmam que observaram uma tendência entre os pequenos e médios produtores de explorarem bons animais mestiços leiteiros, mais adequados às condições de regimes semiextensivos, em maior ou menor intensidade. Daí que a base de muitas criações tem sido de rebanhos formados por animais sem raça definida, “submetidos a escolha mais criteriosa de melhores matrizes, que são acasaladas com reprodutores leiteiros. O objetivo é obter animais com média produtividade leiteira e que suportem, também, regime de campo” (NOBRE e ANDRADE, 2006, p. 8). Essa percepção é retratada também pelo raciocínio exposto por outro especialista: “em toda parte do mundo se busca a lucratividade com equilíbrio, onde produção ótima não significa produção máxima”¹⁶.

¹⁶ WANDERLEY, Alexandre de M. “Viva as cabras nativas, viva o povo brasileiro...”. Disponível em: <<http://www.acosc.org.br>>. Acesso em: 15 fev. 2011.

Outros aspectos reforçam ainda a visão apoiada na viabilidade da produção de leite de cabra praticada por agricultores familiares valendo-se de animais mestiços como, por exemplo, a ausência de encargos sociais sobre a utilização de mão de obra e o baixo custo com a gestão da propriedade, por esta ser pequena e facilmente administrada pelo seu proprietário e família, que também exercem o papel de trabalhadores rurais (FRANÇA *et al.*, 2006).

Para as organizações e especialistas dedicados à caprinovinocultura do Semiárido, portanto, essas e outras constatações embasam a crença da vocação da caprinocultura leiteira no segmento da agricultura familiar, sentido sinalizado no passado de que esta união deveria ser promovida por meio de políticas públicas, uma vez que possibilita gerar renda e emprego sustentáveis aos pequenos criadores, objetivo que se materializou mais recentemente (década de 2000) com a implementação do PAA Leite. No que tange ao perfil dos animais, os mestiços são tidos como aqueles capazes de unir de maneira ajustada os principais aspectos para que uma produção seja bem sucedida.

Conclusões

A importância da aptidão animal como critério para seleção racial, com a mestiçagem sendo uma realidade que sustenta um caminho menos polarizado do qual muitos pequenos caprinovinocultores se beneficiam, não anula por completo certas tensões entre o nativo e o exótico. Não raros são os depoimentos de especialistas e agricultores familiares que questionam “o tamanho exagerado de determinados animais exóticos”, sobretudo quando comparados aos nativos, aos sem raça definida e mestiços, numa espécie de denúncia contra desvios daquilo que seria uma ética do mundo dos criadores, chamando a atenção para a utilização camuflada de anabolizantes para que os animais exóticos atinjam aquele porte. Com o uso desse e de outros insumos, “[...] fazem

alguns caprinos parecerem com travestis maquiados para enganar besta”, exalta-se um especialista¹⁷.

Ainda no campo dos fármacos, como “cabras e ovelhas de hotel”, a dependência de medicamentos para manutenção desses animais também se soma a um quadro de inconveniências sobre as quais procuram chamar a atenção, e que concretamente se referem às necessidades de insumos proibitivos por serem onerosos à maioria dos pequenos criadores, que acaba por acentuar ainda mais a visão de contraste com a rusticidade dos outros segmentos raciais.

Outros depoimentos reforçam esses argumentos assumindo um caráter fincado numa visão nacionalista de valorização daquilo que o meio semiárido oferece. Num deles se ressalta aquilo que um especialista entrevistado denuncia classificando como “modismos”: “deve-se aproveitar aquilo [potencialidade] que o ambiente oferece e não sair introduzindo aquilo que trazem de fora e nos dizem que é certo ou melhor”. Ainda que trate da caprinovinocultura, este depoimento cita ideias que já se disseminaram um dia e que trouxeram prejuízos ao ser humano e ao meio ambiente da região, como, por exemplo, a substituição de determinada cobertura vegetal existente em favor de outra por “puro modismo”, numa referência ao caso de plantas exóticas que acabam se tornando invasoras ou levando à utilização de herbicidas em virtude de sua menor resistência ao meio no qual foram introduzidas, acirrando os potenciais desequilíbrios, a dependência de insumos externos e os danos ecológicos.

Nas entrelinhas, muitos desses depoimentos parecem revelar uma postura de resistência frente à desigualdade entre os segmentos em termos de importância comercial. Não bastando resistir dentro da trincheira, seria necessário então enfrentá-los numa batalha travada no campo das mentalidades, procurando vencer uma luta através do convencimento e da mobilização pela modificação de valores historicamente construídos em torno da valorização do exótico e depreciação dos animais nacionais.

¹⁷ WANDERLEY, Alexandre de M. “Viva as cabras nativas, viva o povo Brasileiro... “. Disponível em: <<http://www.acosc.org.br>>. Acesso em: 15 fev. 2011.

Se esse apontamento parece abstrato, ele se torna mais concreto quando se atenta para o *status* de que desfrutam os animais nativos e exóticos na dinâmica da caprinovinocultura. Enquanto os primeiros – considerados aí também aqueles sem raça definida – seguem uma trajetória marcada pelo desprestígio, seja atrelados à população mais pobre, seja sob o risco de desaparecimento (como é caso das raças nativas), os animais exóticos entraram “pela porta da frente” da caprinovinocultura nacional, tendo sua imagem fortalecida no mundo dos leilões e torneios agropecuários, que extrapola a região em foco e engloba outras regiões do país, movimentando negócios em volume de recursos sem termos de comparação¹⁸.

Mas se deste quadro depreende-se certo idealismo dos criadores de raças nativas frente a um ciclo de dependência de interesses que transcendem as fronteiras nacionais, o que dizer do pragmatismo de pequenos criadores que, aderindo a um movimento de revisão da tradicional caprinovinocultura sertaneja, valem-se cada vez mais dos animais mestiços? A resposta para esta questão nos obriga a situá-los inseridos num contexto de mudanças, fortemente influenciado por políticas públicas como o Programa do Leite, atrelados aos processos de construção de mercados para o leite caprino, intensamente dirigidos por especialistas do setor que, visando o alcance do melhor arranjo em termos de produtividade para a realidade da agricultura familiar, advogam em favor da mestiçagem animal.

Não advindas de uma posição isolada frente a uma realidade dinâmica, as pesquisas realizadas mostram que a história que conduz a essa escolha segue um itinerário de erros e acertos no cotidiano de muitas experiências e criações, envolvendo diferentes organizações e especialistas do setor. A superação das referências da baixa produtividade dos animais sem raça definida e da polarização da pureza racial de nativos e exóticos vem requerendo, assim, um processo de aprendizagens e um acúmulo de conhecimentos capazes de sincronizar

¹⁸ A título de exemplo, por ocasião das pesquisas de campo que abarcaram a visita a leilões e torneios, constatou-se a existência de animais exóticos que chegavam a custar R\$ 30 mil (valor aproximado referente aos anos de 2008 e 2009).

valores socialmente construídos com aspectos técnicos, comerciais e de mercados.

A análise desse percurso traz à tona os enredamentos da ação no contexto social, com sua historicidade considerada. Sob uma perspectiva das instituições socialmente construídas, chama a atenção o modelo de caprinovinocultura em foco que coloca o social no centro da questão econômica. Isso não deixa de ser revelador, sobretudo se considerada certa tendência de se deixar por conta do “mercado” a resolução de determinados problemas, tomando-se como “não econômicas” questões como o custo social e as exclusões embutidas em muitos modelos disseminados no mundo agrícola.

Merece destaque ainda o fato de que a produção de leite caprino em torno dessas iniciativas se volta majoritariamente para o consumo local e/ou microrregional, apoiado numa economia de base comunitária, sob coordenação do Estado. Portanto, este é um mercado socialmente importante que busca um caminho de atendimento interno no que tange à produção e ao consumo, ao mesmo tempo que busca manter relativa independência de insumos externos àquela realidade.

Pelo exposto, esses e outros aspectos são relevantes e parecem mostrar um sentido positivo de transformação social, podendo-se dizer virtuoso, inclusive, quando se leva em conta outros campos em que já se fez uso arbitrário da imagem da mestiçagem como símbolo de uma suposta “identidade nacional”, apaziguadora de conflitos sociais.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Manuel Correia de. **A terra e o homem do Nordeste**. 6^a ed. Recife: Editora UFPE, 1998.

FRANÇA, Francisco *et al.* “Análise econômica e financeira de um modelo teórico de produção de leite caprino para unidades familiares no semiárido do Rio Grande do Norte”. In: LIMA, Guilherme Ferreira da Costa *et al.* (org.). **Criação familiar de caprinos e ovinos no Rio Grande do Norte: orientações para viabilização do negócio rural**. Natal: EMATER-RN / EMPARN / Embrapa Caprinos, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala**. 16ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1973.

_____. **Nordeste**: aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil. 7ª ed. São Paulo: Global, 2004.

GIRÃO, Valdenice Carneiro. “As charqueadas”. In: SOUZA, Simone. **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1995.

GOMES, Gustavo Maia. **Velhas secas em novos sertões**: continuidade e mudanças na economia do Semiárido e dos Cerrados nordestinos. Brasília: IPEA, 2001.

GONÇALVES, Oswaldo Junior. **Da tradição ao mercado: construção social e caprinovinocultura no Semiárido**. 2010. 336 f. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Administração Pública e Governo, Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2010.

NOBRE, Fernando Viana; ANDRADE, José. “Panorama da Produção de Leite Caprino no Rio Grande do Norte”. In: LIMA, Guilherme Ferreira da Costa *et al.* **Criação familiar de caprinos e ovinos no Rio Grande do Norte**: orientações para viabilização do negócio rural. Natal: EMATER-RN: EMPARN; [Sobral]: Embrapa Caprinos, 2006.

NOBRE, Fernando Viana; AMARAL, Alexandre Magno Martins do; PINHEIRO, Kaynara Priscilla. **A caprinovinocultura do Rio Grande do Norte**: aspectos mercadológicos na grande Natal. Natal/RN, 2007.

OLIVEIRA, José. A. M. de *et al.* “Avaliação da adoção das tecnologias usadas pelos produtores de caprinos e de ovinos tropicais dos Estados da Bahia, Piauí, Pernambuco e Ceará”. In: **Encontro da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção**, 2, Londrina. Anais... Londrina: IAPAR/SBS, 1995.

PRADO JUNIOR, Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**: Colônia. 23ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

Artigo recebido para publicação em:

23 de setembro de 2011.

Artigo aceito para publicação em:

02 de dezembro de 2011.

Como citar este artigo:

GONÇALVES JUNIOR, Oswaldo. Entre nativos e exóticos: a mestiçagem na construção de uma nova identidade na caprinovinocultura dos sertões. *Revista IDeAS – Interfaces em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade*, Rio de Janeiro – RJ, v. 5, n. 2, p. 89 - 117, 2012.